

Análise Fílmica: Olga (2004)

ANDRESSA R. VIZIN¹
CAMILA ALVES FERREIRA²
LUIZA FEGADOLLI³
ANA MARIA DIETRICH⁴

Eu luto ao lado da revolução. Não de um homem.

Olga Benário Prestes

1

Neste trabalho, buscamos analisar o filme *Olga* a partir da perspectiva proporcionada pela disciplina “Regimes e Formas de Governo”, ministrada pela Prof^a Dr^a Ana Maria Dietrich. A partir de textos como “Fascismos”, de Francisco Carlos Teixeira, dos cineastas Marc Ferro e Syd Field e do próprio *Olga*, de Fernando Morais, livro em que Jayme Monjardim se baseou para a direção do filme, construiremos uma visão que busca conciliar os aspectos históricos e cinematográficos do longa-metragem.

Palavras-chave: Olga Benário, análise fílmica, ditadura, nazismo.

¹ Graduanda do Centro de Engenharia e Ciências Sociais Aplicadas - UFABC

² Graduanda do Centro de Engenharia e Ciências Sociais Aplicadas - UFABC

³ Graduanda do Centro de Engenharia e Ciências Sociais Aplicadas -UFABC

⁴ Doutora em História Social e professora adjunta da UFABC

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa, sob a perspectiva da disciplina Regimes e Formas de Governo, o filme *Olga*, realizado por Jayme Monjardim no ano de 2004, numa coprodução Nexus e Globo filmes. O filme é baseado na biografia de sucesso escrita por Fernando Morais sobre a judia comunista Olga Benário Prestes. Foi um longo processo de negociação sobre os direitos autorais do livro e a produção do filme, totalizando 8 anos para chegar ao cinema.

Olga é um romance baseado na vida da militante que, até os dias atuais, é lembrada como uma mulher muito importante para a história mundial e, sobretudo, do comunismo internacional. Sua vida e atuação perpassou diferentes lugares, períodos e regimes e, por isso, ao analisar sua vida faz-se necessário recorrer a documentos sobre a Alemanha (de Weimar e de Hitler), a União Soviética e o Partido Bolchevique e o Brasil sob regime de Vargas e a resistência popular comunista e revolucionária. Pode-se, assim, entender a conjuntura econômica-política internacional e a importância de Olga Benário Prestes, assim como os elementos “visíveis e não visíveis, sob a luz de Marc Ferro, presentes na construção do filme sobre sua vida.

Nesse sentido, tomamos a cronologia histórica iniciando pela República de Weimar, datada em 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial. A República de Weimar foi o primeiro regime democrático da Alemanha e é definido em 3 períodos: 1918 a 1923 de consolidação e instabilidade, de 1923 a 1929 maior estabilidade e prosperidade econômica, 1929 a 1933 de crises decorrentes sobretudo à queda a bolsa de NY e ascensão do nazismo. O partido que já existia desde 1919 pôde chegar ao poder em 1933 e foi responsável pela perseguição e morte de milhões de pessoas. Um regime altamente militarizado e com um claro projeto de expansão e dominação.

Por outro lado, mais ou menos no mesmo período ocorriam movimentações grandiosas para a história dos trabalhadores na URSS. Os bolcheviques assumem o poder e fundam a União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas em 1922. Após a morte de

Lenin, Joseph Stalin assume o poder e é responsável por desenvolver militar e industrialmente o país e dirigi-lo no forte combate ao fascismo, justificando a criação de brigadas populares em todos os países capitalistas. O objetivo soviético nos anos 30 era “aniquilar o nazismo da terra”.

Nesse contexto, citamos o Brasil, presidido por Getúlio Vargas de 1930 a 1945, para o qual Olga Benário viaja como guarda-costas de Luiz Carlos Prestes, em seu retorno ao país no qual comprometeu-se a construir a revolução. Prestes tornara-se importante em sua atuação na Coluna Prestes, pela qual foi conhecido, elogiado e encorajado a participar do Partido Comunista Brasileiro além de presidir a ANL no intuito de ir contra o governo de Getúlio e transformar a realidade brasileira no projeto, fracassado, da Intentona Comunista.

Sob esse cenário histórico se passa a dramática vida de Olga Benário, presa pelo regime Vargas e enviada, grávida de 7 meses de seu companheiro Luiz Carlos Prestes, para morrer num campo de concentração nazista, sendo separada de sua filha, seu amor e seus sonhos.

SOBRE “OLGA”

Sinopse

Nascida em Munique, filha de Eugenie Gutmann Benário, descendente de uma rica família judia, e de Léo Benário, advogado e influente personalidade do Partido Social Democrata Alemão, Olga ingressou na juventude comunista aos 15 anos e um ano mais tarde, mudou-se para Berlim a fim de organizar manifestações e revoltas populares. Tornou-se uma figura importante na agitação dos trabalhadores em Berlim e, foi-lhe atribuído o cargo de Secretária Geral de Agitação e Propaganda do PC Alemão. Era, além disso, uma das pessoas mais procuradas da Alemanha, motivo pelo qual mudou-se para a URSS, ingressou na juventude da Internacional e cresceu na hierarquia do partido. Foi designada pela Internacional Comunista para cuidar da segurança pessoal do Capitão Luís Carlos Prestes, na viagem que o traria de volta ao Brasil para comandar o primeiro levante comunista na América do Sul.

Em uma viagem arriscada, passando pela Europa e pelos Estados Unidos e disfarçados como um rico casal de portugueses em lua-de-mel, Prestes e Olga se apaixonaram. Aos 37 anos de idade, o militar experiente e disciplinado se revelou um

homem tímido, que nunca antes havia estado com uma mulher.

No Brasil, o casal se juntou a outros membros enviados pelo Comintern, que viviam na clandestinidade, e o grupo começou a organizar uma revolução comunista. No entanto, o movimento foi tragicamente derrotado. Todos os revoltosos foram esmagados pela polícia de Getúlio Vargas; muitos foram presos e outros tantos mortos.

Em 1936, Olga e Prestes foram presos e nunca mais se viram. O responsável pela prisão foi Filinto Müller, chefe da Polícia Militar do Distrito Federal.

E assim, Olga, grávida de sete meses, foi deportada para a Alemanha de Hitler e teve sua filha, Anita Leocádia, na prisão. Durante todo o tempo em que ficou presa, Olga trocou correspondências com o marido e continuou pregando seus ideais de liberdade e justiça social.

Aos quatorze meses, Anita foi separada de Olga. Entretanto, graças a uma campanha deflagrada pelos incansáveis esforços da mãe de Prestes, Dona Leocádia, a criança foi salva e entregue a ela. Olga nunca mais voltou a ver Prestes ou sua filha. A militante foi uma das primeiras vítimas das câmaras de gás, sendo morta na cidade de Bernburg, em 1942.¹

HISTÓRIA E PREMIAÇÕES DO DIRETOR

Olga foi o filme de estreia do diretor Jayme Monjardim. O paulistano nascido em 1956 dirigiu uma série de telenovelas, inclusive alguns sucessos de audiência da Rede Globo, como “O Clone” (2003) e “Páginas da Vida” (2006). Ainda na Globo dirigiu também a minissérie “Maysa - Quando Fala o Coração” (2008), e pela extinta Rede Manchete dirigiu a telenovela “Pantanal” (1990).

Apesar de ter recebido algumas indicações para a importante premiação Grande Prêmio Cinema Brasil, o filme não venceu nenhuma das principais categorias. Nesse evento, venceu como Melhor Direção de Arte (Tiza de Oliveira), Melhor Figurino (Paulo Loes) e Melhor Maquiagem (Marlene Moura).

Camila Morgado, Jayme Monjardim e Oscar Prado receberam respectivamente Melhor Atriz Principal, Melhor Diretor e Melhor Ator Coadjuvante no Prêmio Qualidade Brasil. Internacionalmente, o filme recebeu somente o Prêmio do Público no Festival de Havana.

ELEMENTOS FÍLMICOS

Cenário

Preocupados com a correta construção e reprodução do contexto histórico, Jayme Monjardim e Rita Buzzar, diretora de produção do filme, foram acompanhados da equipe de produção à Alemanha, onde puderam conhecer o campo de concentração onde Olga Benário foi feita prisioneira. A partir disso, os cenários foram reconstituídos em estúdios no Rio de Janeiro.²

Tendo isso em vista, os cenários foram bem feitos de uma perspectiva histórica, mantendo-se fiéis à época retratada.

ILUMINAÇÃO E USO DE CORES

O filme todo usa cores frias e em tons pastéis. Os olhos azuis da protagonista estão constantemente sendo evidenciados e pode-se dizer até que as cores combinam de forma a destacar esse traço (talvez até excessivamente). Principalmente no início do filme, as cores são majoritariamente frias e a presença de muitos tons de cinza é notável. Essas características podem ter o objetivo de remeter ao período das fábricas a carvão e o inverno Europeu (ver figura 1). De forma menos evidente, pode ter a ideia de um comunismo retraído, duro e sombrio.

No entanto, em certa altura do filme isso muda. No momento em que os personagens que representam Olga Benário e Luis Carlos Prestes se apaixonando, as cores ficam mais vivas e a iluminação mais brilhante, indicando que foi um momento feliz, um momento de esperança (ver figura 2).

Outra cena importante de se avaliar as cores (ou a ausência delas) é no momento em que Olga dá a luz a Anita, sua filha com Prestes. Num quarto branco e sem nenhum movimento ou vida de uma prisão em Berlim, a única a se mover e mostrar expressão é a protagonista, significando que por mais que a situação fosse triste e trouxesse desesperança, o nascimento da menina devolve a vida e um pouco de alegria que fosse à vida dos personagens - o que se mostra um engano com a chegada do desfecho (figura 3).

A cena final talvez seja a mais chocante. Num cenário totalmente cinza, Olga e outras pessoas são assassinadas numa câmara de gás. Até os corpos das presidiárias são acinzentados, representando a tristeza, o horror e a desumanidade do episódio (figura 4).

6

TRILHA SONORA

A trilha sonora de “Olga” foi considerada pela crítica especializada um tanto incidental e previsível, de forma negativa. Com composições originais, quase toda a trilha do filme é instrumental. É interessante ressaltar, entretanto, que em momentos de conflito e desconforto não há música de fundo, o silêncio impera - um exemplo é a cena de conflito entre Olga e os pais, quando a jovem decide sair de casa e morar com o então namorado, Otto Braun. Essa foi provavelmente a técnica mais marcante da confecção da trilha sonora do longa.

CÂMERAS

Como qualquer filme, diversas tomadas de câmera são usadas ao longo de “Olga”. No entanto, é notável que o autor usa com uma frequência bastante elevada os chamados Primeiríssimo Plano (quando a figura humana é enquadrada dos ombros para cima, também chamado de *Big Close-up*) e o Plano Detalhe (quando a câmera enquadra uma parte do rosto ou do corpo, como um olho, uma mão, um pé, por exemplo. Também usado para objetos pequenos, como uma caneta sobre a mesa, um copo, uma caixa de fósforos, etc). Nas figuras 5 e 6 evidenciamos um exemplo de cada, mas esses dois planos são muito usados no decorrer do filme todo.

No primeiro ponto de virada (conceito a ser explicado no próximo ponto), vemos

o uso do Plano de Conjunto, que é quando, com um ângulo visual aberto, a câmera revela uma parte significativa do cenário à sua frente. A figura humana ocupa um espaço relativamente significativo na tela. É possível reconhecer os rostos das pessoas mais próximas à câmera (vide figura x). Já no segundo plot point, temos novamente o Primeiríssimo Plano (figura 9) e o Plano Geral, quando a câmera revela o cenário à sua frente e a figura humana ocupa pouco espaço na tela (nesse caso, nenhum espaço, como visto na figura 8).

Essas foram as principais tomadas de câmera usadas em “Olga”.

7

ROTEIRO

De acordo com Syd Field, os filmes comumente possuem três atos: o Ato I se trata da apresentação, tanto dos personagens quanto do contexto, a localização histórica etc; o ato II é chamado pelo autor de confrontação, onde a trama se desenvolve e os personagens enfrentam o conflito; e o Ato III é a resolução, o desfecho. Durante o filme, temos uma série de acontecimentos chamados de *plot points*, ou pontos de virada. “O ponto de virada é um incidente, ou evento, que "engancha" na ação e a reverte noutra direção. Ele move a história adiante” (FIELD, 2001)³. No entanto, ao fim dos Atos I e II, temos pontos de virada essenciais para o desenrolar da trama e a manutenção do fio lógico do roteiro. “Os pontos de virada no fim dos Atos I e II seguram o paradigma no lugar. Eles são âncoras do seu enredo.” (idem).

No ato I, Olga Benário é apresentada como uma jovem muito rica, e no entanto rejeita sua herança por se inconformar com as injustiças sociais e com a pobreza do povo alemão na década de 30. Militante ativa no movimento comunista, crê num mundo socialista e igualitário e se opõe fortemente contra as forças nazistas ascendentes. Localizamos o primeiro plot point de “Olga” entre os 33 e 35 minutos de filme (ver figura 7). Nessa altura, Olga - já refugiada no Brasil - está no esconderijo com seus companheiros de partido decidindo e forma alvoroçada se devem ou não aproveitar o

momento político para iniciar uma greve geral no Rio de Janeiro e então a revolução comunista. Depois de decidirem por seguir em frente com a revolução, a greve falha, as forças armadas ficam ao lado do governo Vargas (anti-comunista) e alguns membros do partido são presos e torturados. A partir daí uma série de dificuldades se agravam e os personagens enfrentam vários momentos de tensão.

Em dado momento, Olga Benário e Luis Carlos Prestes, seu marido, são capturados pela polícia e separados. Olga então, na prisão, descobre que está grávida, e por um momento parece que vai conseguir continuar no Brasil. No entanto, a mando do então presidente Getúlio Vargas, e grávida de 7 meses, ela é deportada para a Alemanha nazista, sendo judia (figuras 8 e 9). Esse momento marca o fim do Ato II e o segundo ponto de virada. Depois que a personagem chega à Alemanha, o filme se desenrola para o desfecho, quando sua filha é tirada de sua guarda e Olga é enviada para os campos de concentração, onde é assassinada numa câmara de gás.

8

RECEPÇÃO DO FILME

“Olga” foi um sucesso de bilheteria no Brasil, tornando-se o filme mais visto do ano à época de seu lançamento. Exatamente 385.968 pessoas compraram ingresso para ver ao longa-metragem nos cinemas brasileiros.⁴

Por outro lado, não recebeu muitos elogios da crítica especializada. A maior parte dos profissionais denominou o filme como excessivamente televisivo, avaliando negativamente o excesso de *close-ups*, além do uso de plano e contra-plano nos diálogos (típico de novelas, por exemplo), e a trilha sonora muito incidental. A própria filha de Olga Benário, Anita Leocádia Prestes, declarou não gostar do final trágico do filme, e disse que “o cineasta deixou claro que não se preocupou com questões políticas ou históricas, quis retratar uma história de amor”.⁵

A seguir, um trecho da crítica de Alexandre Koball, analista da Cineplayers:

A direção de Monjardim é incrivelmente tola. O filme simplesmente não funciona efetivamente como cinema. O diretor demonstra sua falta de experiência ao não saber aproveitar o dinheiro para o qual foi confiado, desperdiçando a chance de pelo menos criar uma obra bonita. A fotografia é bonita sim, mas é extremamente mal aproveitada. Cenas inteiras do romance entre Olga e Prestes poderiam muito bem ter ficado de fora da edição final para, quem sabe, serem lançadas apenas posteriormente em DVD. Todo o processo de mostrar os dois se apaixonando é extremamente irritante e usual – você já viu isso antes. Cenas como as de sexo, ou a da separação entre os dois são novelescas ao extremo – extremo mal gosto. Os

personagens, então, são vistos como bobos, pois seus idealismos perdem-se em meio a palavras de amor sofríveis. Tudo é mostrado como em uma grande novela, e por isso pode-se dizer que foi perdida uma chance de se criar um pequeno clássico no cinema nacional.⁶

ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Os fascismos e o estado novo

Começamos pelo de informações pelo autor Francisco Teixeira em “Os Fascismos” (in “O século XX, REIS, 2002), onde o objetivo da obra é mostrar que, o fascismo não representa um momento histórico materializado em acontecimentos como o Holocausto na Alemanha, ou mesmo o próprio fascismo italiano, que se findou, num dado momento e não tivesse deixado resquícios. Ao contrário, o fascismo têm que ser pensados como elemento social presente em qualquer tempo, com a iminência de emergir em determinados contextos históricos e/ou político sociais; para se chegar nesse ponto é preciso considerar então, a existência do neofascismo, que viria como forma de compreensão de acontecimentos passados. Dito isso, as informações da obra serão destrinchadas para que se possa compreender o fenômeno dos fascismos aos olhos de Teixeira, como também o relacionar com o Estado Novo de Vargas, no Brasil, período que é tratado no filme aqui analisado, Olga.

Além disso, deve-se lembrar da exaltação da existência dos “fascismos nacionais”, ou seja, da especificidade de cada fascismo no contexto nacional em que ele é inserido, que apesar desse fato são buscadas as características comuns dos diversos fascismos, sendo uma delas, posteriormente colocada, como o próprio nacionalismo exacerbado.

Neste sentido, tem-se que assumir “a maré vazante do fascismo” (Teixeira, 2002), que é caracterizada pelos resquícios dos fascismos europeus que atingiram outras localidades mundiais, pois, personalidades fascistas assumiram então papel de detentoras de poder e figuras políticas (declaradas ou não, em outros países), o que não se dá somente na Europa, mas pode ser muito bem aplicada ao momento histórico brasileiro denominado “Estado Novo” que perpassa os anos de 1937 a 1945.

Considere-se a seguinte passagem de Wolfgang Schieder:

“que se reconhece como fascistas movimentos nacionalistas extremistas de estrutura hierárquica e autoritária e de ideologia antiliberal, antidemocrática e anti-socialista, que fundaram ou intentaram fundar,

após a Primeira Guerra Mundial, regimes estatais autoritários. Neste último sentido, o fascismo constitui um dos fenômenos centrais e mais característicos do entre-guerra. (1972, p. 97)”

O exposto corrobora completamente com a ideia de associação do fascismo com a ditadura varguista ocorrida no Brasil, primeiramente por caracterizar-se como movimento nacionalista extremista e em segundo lugar pelas demais características.

Passando aos elementos constituidores do fascismo, para compreendê-lo melhor, teria-se então “o estado orgânico de lideranças carismáticas”, sendo explicado pelos seguintes trechos:

“O Estado assim concebido, apresenta-se como fator de coesão nacional, capaz de reerguer a nação e restaurar a identidade nacional dilacerada pelas lutas ensejadas pelo regime liberal. [...] A fonte de todo o direito passa a residir na vontade do líder e num vago conceito de bem-estar da comunidade popular, do qual o próprio líder é intérprete e encarnação.” (TEIXEIRA, 2002)

E depois:

“Tal federação de poderes reúne-se em torno de um líder, Dulce ou Hitler, que lhe dá sentido e garante a unidade mínima do Estado, configurando a chamada autonomia do executivo.” (TEIXEIRA, 2002)

Relativizando com os estudos aqui feitos, conclui-se sem maiores esforços, que Vargas, no contexto brasileiro, seria então a personificação de tal liderança “carismática”, provando novamente o alinhamento imposto ditatorialmente imposto em seu governo com práticas fascistas.

Voltando-se mais especificamente ao filme Olga, pode ser analisado a seguinte passagem:

“[...] Na maioria das vezes, aprofundando o caráter conspiratório do conluio liberal/comunista e capitalista/bolchevista, o bolchevismo/marxismo era identificado diretamente com o judaísmo [...] (TEIXEIRA, 2002)”

Onde é possível fazer a ligação com a cena do filme em que o comandante do navio pergunta se Olga é judia, começando a dar os motivos pelos quais judaísmo seria um aspecto negativo, melhor explicitado pela passagem acima.

Partindo às últimas considerações, cabe ressaltar que os estudos do autor e da obra em questão com certeza extrapolam os limites colocados neste trabalho, no sentido de ser colocado um filtro das ideias para que se compreende-se a relação com o caso brasileiro. Em sua totalidade, a obra apresenta outras questões de extrema importância para o entendimento dos *fascismos*.

Vale acrescentar ainda, que os aspectos aqui colocados quanto ao governo Vargas

relacionados ao fascismo, também não se resumem a tais características. Como pode-se ver no filme Olga, o uso da coerção, da violência arbitrária, dos métodos de tortura, dentre muitos outros quesitos faz-nos relativizar o Estado Novo com práticas fascistas.

ESTADO, GOVERNO, SOCIEDADE NOS TERMOS DE NORBERTO BOBBIO

11

Observando as colocações de Norberto Bobbio em “Estado, Governo, Sociedade”, conceituando os tipos de ditadura, é possível fazer um paralelo com a bibliografia anterior e até com o caso de Vargas, mais especificamente sobre o período ditatorial.

Bobbio primeiramente conceitua a “ditadura dos antigos”, partindo da dicotomia entre democracia e autocracia, apontando que paulatinamente este último termo foi sendo substituído pela palavra ditadura, que era relacionada com aspectos negativos. Após a Primeira Guerra o uso da locução ditadura se deu para denominar todos os regimes não democráticos, utilizado tanto para explicar o conceito marxista da palavra, quanto para designar regimes fascistas. Em seguida coloca a diferenciação entre tirania, despotismo e ditadura, para justificar então a positivação desta última, segundo alguns autores. Em contrapartida, o termo maquiavélico de “ditador” se dá da seguinte forma:

“O ditador era nomeado por um determinado período de tempo e não perpetuamente, e apenas para corrigir a causa mediante a qual tinha sido criado; sua autoridade estendia-se em poder deliberar por si mesmo os remédios para aquele urgente perigo, fazer tudo sem consulta e punir sem apelação; [...]” (Maquiavel, 1513-19 ed.1977)

Sendo assim, não há como haver positivação da palavra ditadura, como também relacioná-la com termos fascistas a partir do ponto em que a defesa da manutenção do Estado é defendida a todo e qualquer custo, como nações foram colocadas sob regimes fascistas com o argumento de sua soberania, também a qualquer custo.

Dando sequência aos conceitos, Bobbio apresenta a “ditadura moderna”, que surge na Idade Moderna, em meio a um período revolucionário como uma “instauração da nova ordem”. Seu objetivo seria solucionar uma crise total que poderia ter seu fim em si mesma, no caso compreendendo a situação de guerra. E, sua principal diferença em relação à conceituação antiga é que aqui, não se tratava apenas da ditadura em sua forma executiva, mas também legislativa e constituinte. Existiria então, a legitimação da

violência.

Já a “ditadura revolucionária”, para concluir-se, precisaria “superar todos os vícios do passado”, mesmo que fosse necessário uso da força e violência, não só contra o povo, mas “em prol dele” com a justificativa de que o povo “seria incapaz de se regenerar por si mesmo”.

Nesses dois últimos tipos, é possível observar a manutenção, aliás, atenuação do primeiro. Assumindo o primeiro modelo com traços fascistas, os outros também o teriam.

12

CONCLUSÃO

Podemos concluir que, apesar de um filme fotograficamente bonito e agradável, e considerando a bela história de amor que Jayme Monjardim nos apresenta, o filme não foi tão fiel quanto poderia. Olga num filme com seu nome e sobre a sua vida, tem sua personalidade apagada sendo apresentada como “a mulher de Prestes”. A direção não se preocupa fortemente com a cronologia e clareza dos fatos apresentados, não deixando claro quem são os personagens e a importância deles na vida da militante antes de sua chegada ao Brasil. Reduzir uma história de luta, resistência e convicção a um romance novelesco foi uma escolha um tanto infantil do diretor, e talvez até mesmo irresponsável e desrespeitosa à memória dessa figura tão importante e inspiradora para tantos que foi Olga Benário.

Acreditamos que o longa foi de fato pensado para agradar uma audiência média, interessada mais em romance que em política, sem compromisso de informar sobre as verdadeiras implicações da história de Olga. Por outro lado, podemos dizer que o filme cumpre um papel importante de explicitar e denunciar a desumanidade do governo Vargas no Brasil e sua simpatização com o fascismo. Pensamos, porém, que faltou responsabilidade dos produtores do filme para retratar um episódio tão emblemático do governo Vargas. Ignorar os aspectos políticos e históricos da vida e luta de Olga Benário foi um erro.

ANEXOS



Figura 1 Cores frias no início do filme



Figura 2 Mais cores enquanto Olga e Prestes se apaixonam



Figura 3 O parto de Anita na prisão nazista



Figura 4 O assassinato de Olga

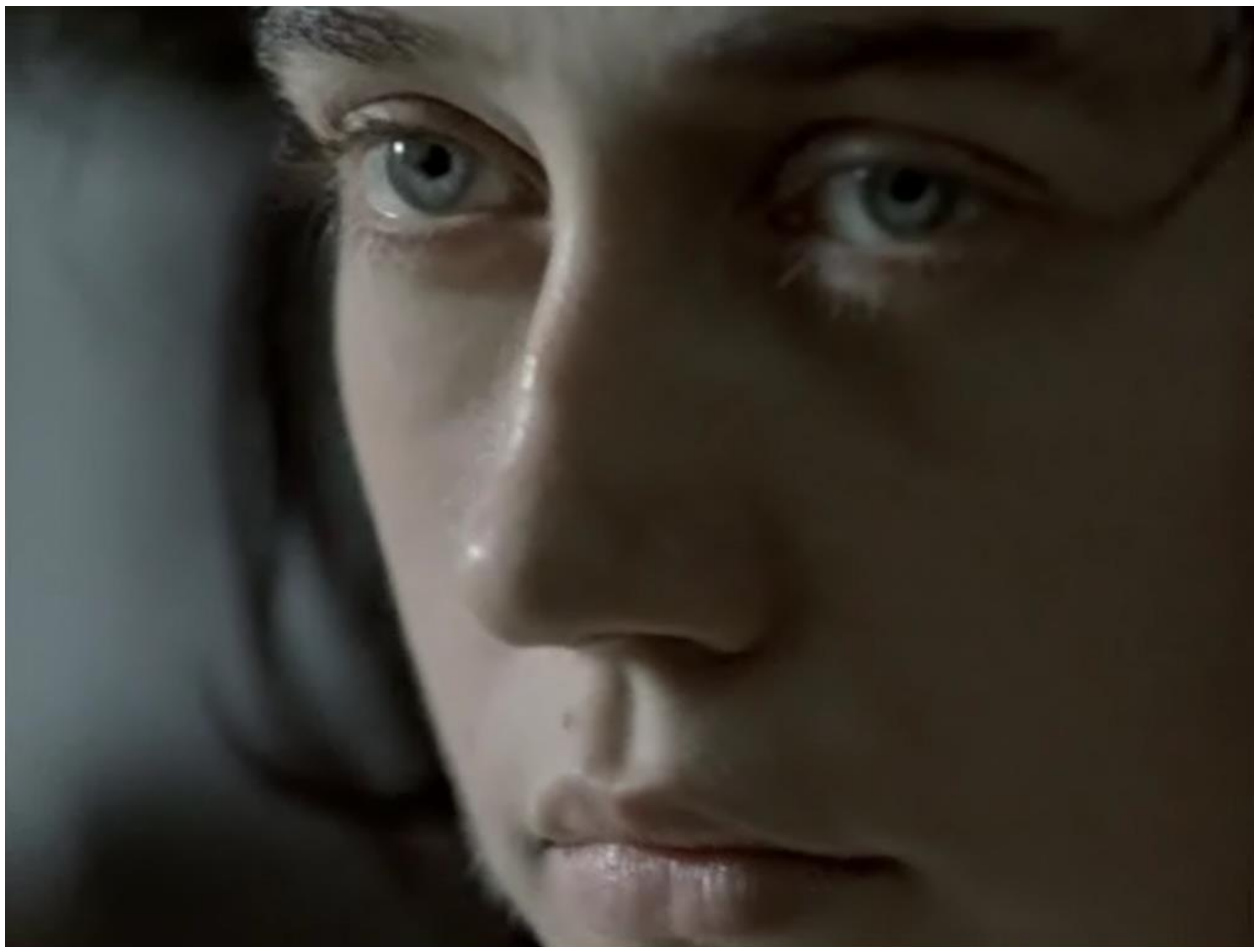


Figura 5 Exemplo de primeiríssimo plano

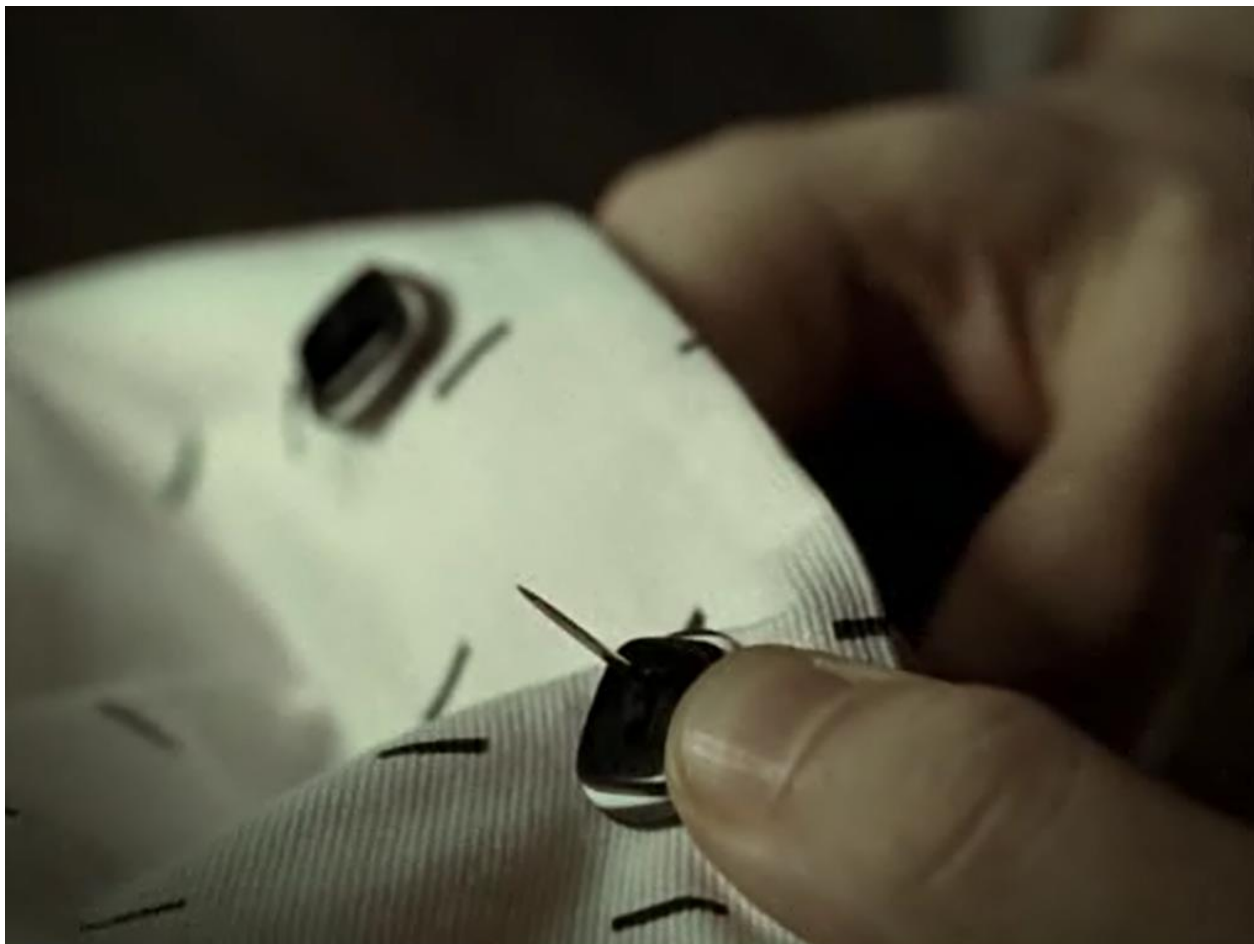


Figura 6 Exemplo de plano detalhe



Figura 7 Primeiro *plot point*



Figura 8 Olga percebe que será mandada para a Alemanha nazista (segundo plot point)



Figura 9 Olga percebe que será mandada para a Alemanha nazista (segundo plot point)

REFERÊNCIAS

- 1 **Olga (2004)**. Disponível em <[http://www.70anosdecinema.pro.br/1824-OLGA_\(2004\)>](http://www.70anosdecinema.pro.br/1824-OLGA_(2004)>), acesso em 19/11/2017.
- 2 **Primeiras cenas de “Olga” são gravadas no Rio**. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,primeiras-cenas-de-olga-sao-gravadas-no-rio,20030820p74814>>, acesso em 20/11/2017.
- 3 FIELD, Syd. O Ponto de Virada (*plot point*). In. **Manual do Roteiro: Fundamentos do Texto Cinematográfico**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001, pg. 101.
- 4 **Olga**. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-122446/bilheterias/>>, acesso em 20/11/2017.
- 5 **Anita Leocádia Prestes fala sobre o filme Olga**. Disponível em <<http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/politica/2014/01/anita-leocadia-prestes-fala-sobre-filme-olga/53795/>>, acesso em 20/11/2017.
- 6 KOBALL, Alexandre. **O cinema nacional tenta criar uma obra-prima, mas o resultado é um drama romântico forçado**. Disponível em <<http://www.cineplayers.com/critica/olga/26>>, acesso em 20/11/2017.
- 7 TEIXEIRA, F. **Os fascismos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- 8 BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**. São Paulo: Editora Elsevier, 2000.
- 9 MORAIS, Fernando . **Olga**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Omega, 1985.

